

A APROXIMAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS E JORNALISTAS POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DE MÉTODOS ETNOGRÁFICOS

Fernando Borges¹

Université Pantheon-Assas, Paris

fvannierborges@yahoo.com.br

Resumo

Um dos desafios dos estudos em comunicação está na aproximação entre o universo acadêmico e o profissional. Essa relação pode ser estreitada através de um trabalho empírico baseado em métodos etnográficos. A utilização dessa metodologia assentados na observação e na entrevista favorece uma análise dos processos microssociais melhorando o entendimento sobre rotinas diárias, a estrutura burocrática, competição interna, ideologias profissionais, relação com as fontes e práticas culturais do mundo do jornalismo, salientando o papel da ação individual nos processos sociais. Destacando, em especial, a entrevista de pesquisa, o presente trabalho problematiza algumas questões como o posicionamento científico da entrevista, a sua neutralidade e a relação social que se cria entre o pesquisador (acadêmico) e o pesquisado (jornalista). Para que essa relação produza bons resultados é preciso que o pesquisador diminua as diferenças, criando um ambiente de confiança, reduzindo os riscos da violência simbólica, facilitando o processo de compreensão e recolha dos discursos. O entrevistador tem que conseguir que o entrevistado seja capaz de problematizar as suas ações, sendo capaz de falar da sua realidade como um objeto de pesquisa. Concretizando essas condições a relação estabelecida através dos métodos de pesquisa permitirão a produção de um conhecimento dialético - ainda mais enriquecido pelo alto grau de reflexividade dos jornalistas - que além de produzir bons resultados acadêmicos permitirão aproximar o mundo dos jornalistas e dos acadêmicos, sendo mutuamente benéficos.

Palavras-chave: Jornalismo; métodos etnográficos; entrevista de pesquisa; conhecimento dialético.

Abstract

One of the challenges of the studies in the Field of Communication is the coming together between the academic world and the professional world. This relationship can be increased through an empiric work based on ethnographic methods. The use of this kind of methodology is based on the participant observation and interview make possible an analysis of the micro social realities, improving the understanding of the daily routines, the bureaucratic structure, inside competition, professional ideologies, relationship with the sources and cultural practices in the world of journalism, highlighting the role of individual action in the social structure. This work pays special attention to the Interview as a method of qualitative research and poses some questions about the neutrality and the relationship it creates between the researcher and the journalist. In order to produce good results it is necessary that the researcher minimizes the differences between then, creating an environment of trust, reducing the risks of symbolic

¹ Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Mestre pela Universidade de Coimbra e doutorando na Université Pantheon-Assas, em Paris. Bolsista da CAPES – Proc. nº 0855-13-8.

violence, making easy the understanding and the data collection. If the researcher is able to accomplish these conditions, he will establish a relationship with the journalist capable of creating dialectic knowledge -enhanced by the reflexivity of the journalists - that will create good research results and it will strengthen relations between the academic and journalistic worlds.

Key-words: Journalism; Ethnographic Methods; Interview; Dialectic Knowledge

Introdução

Instigado pelo tema da revista, um dos desafios da pesquisa em comunicação está na sua relação com o mundo da prática. Acadêmicos e jornalistas não alimentam entre si a melhor das relações. Para aqueles que atuam nos jornais, as universidades preparam mal os seus alunos para o mercado, enquanto os que vivem na sala de aula acreditam que falta profundidade e qualidade no jornalismo. Outro motivo para atrito é o texto: os acadêmicos julgam faltar rigor ao produto feito por jornalistas, que por sua vez pensam que os textos vindos da universidade carecem de qualidade estética.

No entanto, a proximidade entre esses dois mundos é bastante grande. Se pensarmos nos códigos éticos e deontológicos do jornalismo, é possível ver semelhanças com os manuais de metodologia de pesquisa, assim como muitas das ferramentas de coleta de dados se assemelham, como a entrevista - apesar das grandes diferenças entre a entrevista jornalística e a de pesquisa – ou de imersão no terreno, tal como métodos etnográficos.

O presente trabalho tem por objetivo aproximar esses dois ambientes. Partindo do universo acadêmico, é possível adotar métodos etnográficos que olhem de maneira microscópica o mundo dos jornalistas. Investigar o terreno de atuação, o funcionamento das redações e as rotinas de trabalho podem oferecer um material mais detalhado sobre o jornalismo. Ao utilizar esses métodos, analisar-se-á os jornalistas como uma cultura à parte, ou como uma tribo, termo celebrizado por Traquina (2001), e, nesse caso, é fundamental que o pesquisador tenha um olhar para o outro como um representante de uma cultura e através da sua fala, ele poderá transmitir o conjunto de valores culturais o qual representa, e juntos serão capazes de produzir um conhecimento dialético.

A pesquisa etnográfica é feita essencialmente de observação e entrevistas. Embora ambas sejam usadas em conjunto, a primeira vertente é mais ligada a uma abordagem antropológica, enquanto a segunda se aproxima mais da sociologia. Mesmo

pensando que uma pesquisa em Comunicação é essencialmente interdisciplinar, por isso não fazendo sentido a oposição de disciplinas e métodos de pesquisa, e apesar de considerar que o trabalho de campo não é compartimentado, estando intimamente ligados a observação e entrevista, para efeitos do presente trabalho, vamos priorizar o debate sobre a entrevista, pois a pesquisa em locais de trabalho pode ter como obstáculos o acesso e a permanência no terreno para a observação por longos períodos, e que são colmatados através das entrevistas.

Dessa forma, esse artigo irá se estruturar de modo que seja problematizada a possível aproximação da pesquisa em comunicação aos jornalistas. Em primeiro lugar, vamos falar sobre a relevância dos métodos etnográficos, em especial da entrevista, para a investigação, depois analisaremos os desafios e vantagens da metodologia, para a seguir tratar da relação entre pesquisador e jornalista e o processo dialético de produção de conhecimento.

Aproximando-se dos jornalistas

Já é bastante sabido e falado que a indústria dos meios de comunicação vive um período de transformação. Vamos tentar resumir um pouco a situação. Podemos dizer que os anunciantes aumentaram os investimentos na Internet, enquanto reduziu-se os gastos nos veículos impressos. Ao mesmo tempo, os números de leitores e a circulação decrescem e mais veículos de notícias surgem ou são disponibilizados (jornais gratuitos, canais de notícias 24 horas, versões para telefones, entre outros). A disputa por audiências e a competição entre as empresas de comunicação está cada vez mais forte, e para manter as margens de lucro e continuarem competitivas, as companhias usam a tecnologia para diminuir os custos e colocam em prática processos de racionalização da produção da informação. Essas alterações podem ser vistas sob a ótica da Economia Política, mas essa abordagem pouco poderá falar sobre a forma como os jornalistas respondem a essas transformações nas suas rotinas de trabalho (Dickinson *et al*, 2013:4).

As perspectivas da Economia Política permanecem relevantes para explicar as dinâmicas do mercado, as adaptações das corporações e formação de conglomerados, e seu impacto na produção de notícias. Mesmo assim, ideias baseadas em conceitos como

o pós-fordismo ou de capitalismo desorganizado apontam tendências que nem sempre corroboram as indicações que a produção de notícias está se homogeneizando e as empresas formando conglomerados. Como nem tudo pode ser previsto apenas com base na teoria da Economia Política, estudos etnográficos podem ajudar a entender a complexidade e tendências contraditórias de como o ambiente dos jornalistas é gerido e negociado por seus profissionais. Esse olhar mais de perto permite um entendimento maior do impacto dessas mudanças econômicas na forma como as notícias são produzidas (Cottle, 2007:12).

Todas as grandes teorias precisam ser testadas empiricamente, e a Etnografia dá essa oportunidade. Para Cottle (2007), a pesquisa da produção da notícia e outras práticas profissionais podem dar um entendimento aprofundado da natureza do jornalismo na sociedade contemporânea. Elas iluminaram rotinas diárias, a estrutura burocrática, competição interna, ideologias profissionais, relação com as fontes e práticas culturais do mundo do jornalismo. Esses estudos permitem um melhor entendimento de dinâmicas invisíveis e os circuitos sociais e de poder. Tal qual estudos etnográficos de outras relações profissionais, eles salientam o papel da ação individual nos processos sociais.

De maneira mais direta, podemos dizer que os textos jornalísticos tomam forma de acordo com as rotinas de trabalho envolvidas no processo de pesquisa, coleta e seleção da informação, bem como a troca de ideias com outros profissionais e editores. Outros elementos que influenciam a sua formatação são: a instrução acadêmica recebida pelos jornalistas; concepção da função social do jornalismo; pela experiência profissional; a expectativa e exigência da empresa; e a interação com as novas tecnologias. Mesmo o trabalho na mídia é mediado, e, por isso, as variações culturais são importantes dentro desse contexto. O etnógrafo trabalha dentro do espaço do jornalista para recuperar e coordenar esse conhecimento, entender os seus ritmos e relações das rotinas profissionais tanto dentro como fora das redações (Cottle, 2007:9).

Para Cottle (2007), as forças do método etnográfico no estudo da produção de notícias são: (a) tornar o invisível visível – livros e memórias dos profissionais não são suficientes para mostrar as rotinas de produção, enquanto as etnografias vão além do que é pressuposto; (b) combate a inferência – ao investigar os jornalistas e seus locais de trabalho, combate os “achismos” e as “acusações” dos motivos pelos quais as coisas são ou não são publicadas; (c) força da triangulação – embora cada método tenha a sua

fraqueza, quando combinadas a observação, entrevistas e fontes documentais, elas se fortalecem e oferecem um bom entendimento do que é pesquisado; (d) confirma ou desqualifica teorias – todo trabalho empírico é feito com base em uma teoria, e o trabalho de campo contribui para confirmar ou corrigir essas assunções teóricas; (e) relembra sobre a produção cultural – a etnografia, ao ir para o meio da produção, (re)mostra ao pesquisador que o mundo não é um espaço organizado e coerente como pode parecer pelas afirmações teóricas, a produção de cultura é complexa; (f) evidencia a dinâmica social – a produção de notícia não está solta no espaço, ela se relaciona com outras esferas da sociedade, e a etnografia contribui para mostrar como essas diferentes forças se relacionam dentro do campo de produção das notícias.

Como salientado, a entrevista é algo que complementa e enriquece bastante a pesquisa. O método da entrevista pressupõe que o entrevistado é um representante de uma cultura, ou sub-cultura, e através da sua fala, ele poderá transmitir o conjunto de valores culturais aos quais representa (Duchesne, 1996: 191). Para outros, a entrevista se tornou o método por excelência para captar as experiências vividas de membros de diferentes coletividades, fossem profissionais da mesma área, militantes de um movimento, ou pessoas ocupando lugares semelhantes na escala social (Bastin, 2012).

A proximidade entre a entrevista e os métodos etnográficos é tanta que Beaud e Weber (2010:126) falam da “*entretien ethnographique*” ou “*observation sociologique*”. Esses dois conceitos, que unem a entrevista ao trabalho etnográfico e a observação participante à pesquisa sociológica, mostram como a entrevista é importante para a etnografia, e como esse método já não é restrito ao domínio da Antropologia. Correntes de influência sociológica, como é o caso do estudo das profissões, podem usar métodos vindos de outras correntes – num exercício de interdisciplinaridade – para que a pesquisa possa ser enriquecida. No caso do estudo da realidade dos jornalistas é importante tornar distante aquilo que pode ser considerado normal, uma prática comum em pesquisas antropológicas.

Como diz Bastien (2012:41), a entrevista não pode ser uma caixa negra a ser utilizada e nunca aberta. Tal como outras formas de pesquisa, é preciso que haja uma definição e justificação do método, isto é, a forma e condições nos quais se conseguiram, realizaram e interpretaram as entrevistas. Para averiguar a validade de uma técnica de entrevista, é importante situá-la no contexto da pesquisa e o tipo de objeto estudado. A entrevista aberta se mostra importante para estratégias de pesquisa,

que visam estudar as representações dos atores sociais (Duchesne, 1996:190). Esses são alguns dos desafios metodológicos a serem apresentados no próximo ponto.

Desafios e vantagens metodológicas

Nos anos setenta, houve uma viragem nos estudos do jornalismo. Teorias que enxergam as notícias como uma construção social passaram a emergir, questionando a noção de que o jornalismo é um espelho da sociedade. Para os defensores dessas teorias, essa posição se fundamenta porque é complicado distinguir radicalmente a realidade e a mídia, pois ela, que deveria refletir essa realidade, ajuda a construí-la. Em segundo lugar, argumenta-se que a própria linguagem não pode ser neutra, e dessa forma não pode funcionar como transmissora direta das coisas. Por fim, é preciso considerar que a mídia noticiosa estrutura as suas representações dos acontecimentos, com base nos seus aspectos organizacionais, limites de orçamento e a maneira como a própria estrutura responde aos imprevistos (Traquina, 2001:60).

Grande parte dessa evolução se deu com base em avanços metodológicos. Nessa corrente sociológica do estudo do jornalismo, técnicas tradicionais como entrevistas e questionários continuaram a ser utilizadas, e foram enriquecidas com uma abordagem etnometodológica. Essa forma de pesquisa permite uma observação mais informada sobre as práticas e ideologias dos jornalistas, e a sua contribuição é tripla: primeiramente, com essa abordagem foi possível notar a importância da rede informal entre os jornalistas e a ligação cultural advinda do pertencimento a uma comunidade profissional; segundo, viu-se que as rotinas são um elemento central no processo de produção de notícias; em terceiro lugar, serve como questionamento às teorias instrumentalistas que defendem que há um conluio no processo de produção de notícias e uma intenção consciente de distorção dos fatos (Traquina, 2001:62).

Apesar dessas distintas vantagens, as abordagens etnometodológicas apresentam alguns desafios. Em primeiro lugar, é preciso definir e posicionar as metodologias cientificamente; em seguida, debater a noção de que o trabalho de campo é considerado mais como arte do que como técnica, o que nos leva a uma problematização do trabalho de campo, em que se destacam dois pontos importantes: a neutralidade e a relação social entre o pesquisador e o pesquisado.

O primeiro desafio é a clarificação dos métodos. Na abordagem etnometodológica, podemos encarar o trabalho a partir de uma visão antropológica que favorece a observação participante no trabalho de campo, tendo na entrevista um elemento acessório. Ao mesmo tempo, por um viés sociológico, a entrevista, tradicionalmente, está associada a abordagens mais positivistas, como o questionário. Assim, podemos afirmar que a entrevista aberta, como ferramenta de pesquisa, ficou presa entre a forte legitimidade da instrumentalização estatística da entrevista e da observação etnográfica. Houve ainda uma grande suspeita em relação ao método devido a sua proximidade com a entrevista psicológica e a noção de um alto grau de subjetividade. Assim, a consequência disso foi que a entrevista, enquanto método de pesquisa, foi colocada de lado como um instrumento secundário das pesquisas e sobre a qual não se produz grandes reflexões (Beaud, 1996:230).

O que se defende aqui, com base no trabalho de Beaud (1996) e Beaud e Weber (2010) é que a entrevista esteja inscrita dentro de uma pesquisa etnográfica, permitindo uma complementaridade entre as técnicas de observação e entrevista. Essa soma entre esses dois métodos - que ainda pode ser fortalecida, triangulando com a utilização de documentos - é importante para casos em que o acesso pode ser mais complicado, dificultando a observação, como a pesquisa em locais de trabalho, por exemplo. Não por acaso, Beaud e Weber (2010) vão defender uma aproximação maior da sociologia com a etnografia e chamar essas entrevistas mais profundas de entrevistas etnográficas. Eles as definem assim porque elas não são nem isoladas, nem autônomas da situação de pesquisa, elas estão dentro de um contexto do qual não se pode negligenciar a dimensão histórica e local, além de estarem apoiadas em observações feitas previamente e que permitirão um melhor embasamento de observações futuras. Não existe ruptura entre entrevista e observação, pois o trabalho de campo não é compartimentado (Beaud e Weber, 2010:156).

É bastante frequente que a entrevista seja relacionada à condição de arte. Ela é vista dessa maneira porque está muito ligada a habilidades sociais do entrevistador, como o saber ouvir e fazer falar. Para ter sucesso numa entrevista, é preciso ir além da capacidade de interrogar as pessoas. A capacidade de entrar numa interação com o pesquisado, o domínio de regras de sociabilidade para diferentes meios sociais e a relação de proximidade que se estabelece são fatores que contribuem para bons resultados de pesquisa. Não basta apenas conhecer as técnicas de entrevista, é preciso

estabelecer uma ligação de confiança e colaboração com o entrevistado, o que nem sempre é fácil (Poupart, 2012).

Existe, portanto, um aparente paradoxo, entre uma técnica que se quer como método sistemático rigoroso e uma entrevista que em si é uma relação social. Considerar a entrevista como arte é perigoso, pois pressupõe que os resultados são aleatórios ou fruto de uma habilidade natural da pessoa, mas o bom resultado de uma entrevista está subordinado ao domínio de uma série de práticas ligadas à construção do objeto. O que transforma a entrevista em material científico é a sua sistematização e relação da entrevista com a pesquisa - não é porque a metodologia é qualitativa que ela não pode ser rigorosa e sistemática nas suas formas de aplicação. A entrevista é uma técnica que se aprimora com o conhecimento e com a experiência. Elas são feitas para que possamos entrar no universo dos entrevistados e apreender as suas maneiras de agir, pensar e sentir. Além disso, é preciso não só descrever, mas também explicar a realidade social. Por isso, é bom desmistificar a condição da entrevista como sendo uma arte, e para tal convém entendê-la como um trabalho, com as suas especificidades.

Para Lahire (2012), a entrevista é um trabalho e não um conjunto de vasos comunicantes. Por isso, ele defende que é preciso escolher bem as palavras para fazer correr o discurso do entrevistado, e destaca dois erros capitais: fazer as nossas perguntas ao entrevistado e considerar que a entrevista se faz livremente. Em primeiro lugar, se queremos saber o motivo do entrevistado fazer algo, é preciso fazer uma série de perguntas indiretas. Em segundo lugar, uma entrevista bem-feita não pode ser vaga, convém elaborar perguntas precisas, tomando cuidado com as repetições, as ênfases e pedir para elaborar ou especificar certos pontos, de acordo com o interesse.

Em oposição ao formalismo de um questionário, a entrevista aberta é mais fluída. A ideia de uma entrevista homogênea e controlada cai por terra logo no início de uma entrevista. É preciso usar os olhos e ouvidos para reformular estratégias caso seja necessário para conseguir que o entrevistado “fale”. A única coisa que pode se manter igual é a intenção geral da pesquisa, as questões elaboradas em função do conhecimento teórico, as hipóteses subjacentes a cada pergunta feita e os esquemas interpretativos colocados em prática para analisar as entrevistas.

Desse modo, a interpretação é um ponto fundamental no trabalho de pesquisa. A tal ponto que não se considera que haja uma entrevista ruim, mesmo não saindo da maneira esperada, ela poderá oferecer um material relevante ao trabalho de investigação

(Beaud e Weber 2010; Lahire, 2012; Kaufmann, 2013). O valor de uma entrevista está nas possibilidades que ela oferece de interpretação e análise. Dentre algumas possibilidades, o pesquisador pode olhá-la sob um ponto de vista do vocabulário, das contradições, dos ajustes a serem feitos na pesquisa ou nas técnicas de entrevista.

Para isso, é importante o trabalho de transcrição. Beaud (1996) afirma que a transcrição é colocar em texto a palavra do entrevistado, mas é também correr o risco de perder a especificidade e a riqueza da palavra falada: não somente palavras e vocabulário, mas também o tom, o timbre, o ritmo da voz, diferentes modulações, mudanças no ritmo e humor, além de outras sutilezas. Assim, é fundamental que a transcrição seja minuciosa, reproduzindo com riqueza de detalhes a fala do entrevistado, inclusive, os silêncios e hesitações.

Relacionado ao tema das transcrições, está a escrita do trabalho. Para Lahire (2012), um dos aspectos fundamentais no texto científico é a sua clareza e transparência na hora de demonstrar os seus resultados e apresentar seus argumentos, mostrando como se chegou a um determinado ponto. Ele usa o termo da “cozinha da pesquisa” para falar desse espaço onde a ciência é feita, e que nem sempre o pesquisador explicita os ingredientes e a forma de cozinhar para chegar a um prato pronto a ser servido.

Esse mesmo termo da “cozinha” é usado por Jean-Baptiste Legavre (1996) para problematizar a noção de neutralidade no método de entrevista aberta. Usar a entrevista como uma evidência pura sem a utilização de um meta-discurso é cair na armadilha do “metodologismo”. Para ele, muitos pesquisadores adotam uma postura que fazem desaparecer os efeitos dessa “cozinha da pesquisa”, tais como a relação com o entrevistado, as dificuldades e caminhos do processo, de modo que a entrevista como método só parece válida e cientificamente aceita depois que as falas já foram tratadas, selecionadas, analisadas ou mastigadas. Assim, em outras palavras, pode-se dizer que a entrevista só é bem vista depois que a cozinha foi limpa – e assim, o pesquisador assume uma posição discursiva de transparência e onisciência.

Os defensores da entrevista argumentam que a entrevista aberta tem por objetivo deixar que o entrevistado fale em seus termos sobre o que quer, ao invés de ser direcionado para isso, e a participação do entrevistador serve para que seu discurso seja mais claro, e que ele não fale de coisas importantes sem se dar conta completamente. Na visão clássica, em teoria, o pesquisador neutraliza a sua personalidade para não ser mais do que o reflexo daquele com quem fala, sendo suficiente começar a entrevista com

temas amplos e fazer reparos sobre os pontos mais relevantes, fazendo supor que o comportamento do entrevistador é apenas fruto de simpatia e boas maneiras (Legavre, 1996).

No entanto, tal como essas condições não são naturais do entrevistador (e sim fruto de aprimoramento técnico e experiência), a postura de neutralidade pode ser questionada já a partir da simples presença do entrevistador, que, por si só, já produz efeitos. Logo à partida, a forma como o pesquisador encara o jornalismo define a abordagem teórica, gera a seleção dos textos a ler e fundamenta a abordagem metodológica (Broustau *et al* 2012). Além disso, queira ou não, o entrevistado produz sempre uma representação do pesquisador que influi naquilo que será falado durante a entrevista de pesquisa - o entrevistado não falará com o pesquisador da mesma forma que ele fala com outros; o pesquisador o obriga a ter posições que talvez ele não organizasse por iniciativa própria (Legavre, 1996).

Outra situação de entrevista na qual a presença do pesquisador é notada é quando ele é convidado a dar sua opinião. Em se tratando de uma interação social entre duas pessoas, a entrevista aberta permite que aquele que está sendo pesquisado busque a visão do outro com quem está falando. Seja através de perguntas diretas, ou de pequenos trejeitos na fala e no olhar, o entrevistado pode buscar uma troca com o pesquisador. Da mesma forma, o entrevistador não deixa de aproveitar essas oportunidades - ou outras que apareçam - para aprofundar certas temáticas, afinar pontos de vista e marcar determinadas posições. Em outras palavras, o pesquisador, mesmo que seja apenas através da escuta, está sempre com uma postura ativa e de ator frente ao entrevistado, e possuiu uma gama de ferramentas para aquecer o tom da entrevista, ou marcar a distância, de acordo com o que for mais conveniente (Beaud, 1996:245).

O reconhecimento da não neutralidade não significa que haja falta de rigor científico. Para Legavre (1996) é justamente o contrário: o pesquisador pode ter um papel importante se não se considerar nem um demiurgo, nem transparente. Enquanto para Alasuutari (1998:144), no caso das entrevistas abertas, a sua validação científica é aumentada na medida em que o pesquisador é honesto e transparente nas suas ações – que vão da apresentação dos resultados até a sinceridade na hora de estabelecer uma relação com o entrevistado.

Essa questão da relação social inerente à entrevista é fundamental para entender a produção de conhecimento. Por um lado, como defende Beaud (1996:234), a entrevista deve estar inscrita no seio de uma pesquisa etnográfica permitindo que as interações sejam mais aprofundadas e enriquecidas pelo contato obtido no trabalho de campo - a entrevista etnográfica nos mostra que há condições sociais para que determinados atores tomem determinadas falas e posições. Por sua vez, Legavre (1996:216) lembra que nenhuma palavra é realmente livre. Toda entrevista se dá através de um processo de conversação que é essencialmente social, e, portanto capaz de transpor a história de cada interlocutor e a sua posição social. Mas ele vai ainda mais além, dizendo que a entrevista nunca é apenas uma situação de comunicação, e que embora possa ser mais ou menos fortalecido, esta é também uma relação de força.

Pesquisador e Jornalista: criando um processo dialético

Tal como a observação, o método de entrevista coloca o pesquisador frente a frente com representantes de outra cultura – seja ela próxima ou distante; seja uma categoria profissional ou diferentes camadas sociais. Essa relação social entre pesquisador e pesquisado e seu entendimento são fundamentais para a forma como se configura a dinâmica de investigação, a prática no trabalho de campo e os resultados da pesquisa.

Beaud e Weber (2010:165) salientam que as pessoas que são objeto de interesse acabam por reagir de acordo com a maneira como veem a pesquisa. Assim, os autores afirmam que cabe ao pesquisador desfazer um possível quadro que prejudique a condução das observações e entrevistas, destacando a importância do trabalho que está sendo feito e atribuindo a seriedade necessária. É preciso estabelecer com os pesquisados o que Beaud e Weber chamam de "pacto de entrevista", a partir do qual as condições para a realização da pesquisa foram esclarecidas e aceitas.

Entretanto, mais do que outros métodos, a entrevista confronta diretamente a complexidade e a intensidade que se estabelece na relação entre pesquisador e entrevistado. Ao aceitar o mergulho na introspecção, que é o pressuposto de uma entrevista aberta, os entrevistados acabam expressando mais do que meras opiniões. Por sua vez, o pesquisador tem o ônus de captar e traduzir em palavras o que é dito, de

maneira precisa e correta - sem trair a confiança dos pesquisados - e com a preocupação de não ser capaz de transmitir toda a riqueza e complexidade do discurso do outro, pois ao delimitar o objeto de estudo há sempre uma redução (Duchesne, 1996:189).

Para Duchesne (1996:194), a relação de entrevista tem duas características: artificialidade e desigualdade. Ela é artificial porque não faz parte das formas comunicacionais corriqueiras - o pesquisador não está lá para trocar pontos de vista, ou conversar com o outro, mas sim para realizar uma pesquisa. Ela é desigual porque o pesquisador é quem está na origem da pesquisa, é ele quem escolhe os meios e os fins. Não raro, em situações do tipo há uma dupla desigualdade, pois os pesquisadores estão numa posição social diferente, na qual o capital social e cultural podem exercer uma pressão, mesmo que o pesquisador não tenha controle sobre isso. Mesmo que essa desigualdade não seja proveniente do pesquisador, ela poderá ainda vir, de forma consciente ou não, do pesquisador

Assim, cabe ao pesquisador, através de suas práticas, diminuir a desigualdade para não prejudicar a pesquisa. Ao realizar as entrevistas, é preciso diminuir as diferenças, criar um ambiente de confiança, reduzindo os riscos da violência simbólica, facilitando o processo de compreensão e recolha dos discursos. O entrevistador tem que conseguir que o entrevistado seja capaz de problematizar as suas ações, sendo capaz de falar da sua realidade como um objeto de pesquisa (Duchesne, 1996: 196).

Grande parte das situações de pesquisa é realizada em situações de desigualdade sociais entre pesquisador e pesquisado. Como consequência, a literatura especializada acaba por tratar mais frequentemente dos desafios do trabalho, envolvendo uma assimetria social, seja ao pesquisar camadas populares ou aristocráticas. Contudo, nos casos em que as diferenças verticais são deixadas de lado - entrevistando, por exemplo, profissionais com capital cultural simbólico e social semelhantes ao pesquisador - é possível notar que há outras tensões horizontais, que podem nascer do confronto com o pesquisador, e assim a técnica e a capacidade de expressão do pesquisado se torna tão interessante quanto a do entrevistador na hora da análise (Bastin, 2012:41).

Uma relação de pesquisa que pode ilustrar bem essa situação é a do Jornalista e do Acadêmico. Bastin (2012) lembra que eles já foram descritos como quase colegas e que, muitas vezes, são colocados em posição de concorrência, além de ambos utilizarem métodos de investigação bem semelhantes, como a própria entrevista, e, por isso, não se pode supor que apenas um deles domine as suas técnicas. Da mesma forma, não se pode

esquecer que mesmo no jornalismo a entrevista é fruto de debates e polêmica, podendo ser uma maneira oferecer mais objetividade ao tema tratado, mas também ser um veículo de propaganda, como no caso de certos *talk-shows*.

Ao fazer uma pesquisa, a posição social das pessoas investigadas precisa ser levada em consideração na hora da análise. Sabendo que os diferentes tipos sociais irão interagir de modo diferente com o pesquisador e com a pesquisa, Demazière (2012) diz que é necessário conhecer o contexto social de quem se está entrevistado, pois esses elementos serão importantes na hora de elaborar uma interpretação dos resultados.

Diferente de um estudo de cima para baixo – com classes populares – ou de baixo para cima – com as elites -, a pesquisa com os jornalistas foi classificada como “de lado”². Definiu-se assim, pois a formação e a prática profissional dos jornalistas acaba por ser muito semelhante a de sociólogos e antropólogos. Em princípio, pode haver uma tentativa de acentuar as diferenças, e a Academia pode ser muito crítica em relação aos jornalistas. No entanto, um olhar mais atento pode notar que as diferenças metodológicas dentro da academia podem ser semelhantes às questões dentro do próprio jornalismo (Boyer e Hannerz, 2006).

Quando a literatura sobre metodologia usa os termos “studying up,” “studying down,” e “sideways”, isso aponta para uma preocupação com as relações de poder, controle, ética e emancipação que estão inerentes a uma situação de pesquisa. Para Plesner (2011), a resolução da problemática das relações de poder pode ser solucionada através da construção de condições dialógicas, estabelecendo uma comunicação democrática entre pesquisador e pesquisado, fazendo com que haja uma compreensão e troca entre as duas partes. A autora ainda defende que o próximo passo é afastar-se da tendência a explicar a pesquisa em termos de dominação e subordinação, pois entende-se que a entrevista pode ser um momento de criação de sentido. Não quer dizer que a questão do poder deixou de ser uma categoria analítica importante, nem que não haja disputa de poder entre duas categorias profissionais similares, mas esse afastamento é essencial na medida em que ele permite observar que cientista social e jornalista possuem uma bagagem cultural semelhante e que a situação de entrevista é um processo de negociação (Plesner, 2011:473).

2 Ou Sideways, no original em inglês.

Plesner (2011:476) considera que a reflexividade é uma parte central nos estudos "de lado". Para a autora, no processo de pesquisa há uma troca entre o investigador e o jornalista, que pode oferecer interpretações ao trabalho acadêmico, assim como pode recolher informações sobre o método científico. Os conceitos das ciências sociais são circulares e acabam por entrar no discurso das pessoas e do senso comum. As teorias produzidas para explicar acabam sendo apropriadas por usuários e contribuem para sedimentar o fato social, ao que Plesner (2011:474) lembra que sob um olhar construtivista, tanto o jornalismo como a etnografia não servem apenas para descrever o mundo, mas também contribuem para a sua transformação, pois eles ajudam a construir e sedimentar a realidade.

A entrevista aberta tem como um dos princípios favorecer a reflexividade. Evitando um modelo de perguntas e respostas diretas, que gere uma fala passiva do entrevistado, o pesquisador tem que estimular uma autoexploração, focando o seu relato na sua experiência pessoal, deixando aflorar o "eu". Para se expressar assim de maneira mais aberta, o entrevistado tem que sentir confiança, que não está sendo julgado, pois, muitas vezes, são relatos de questões pessoais (Poupart, 2012).

Mais do que grande parte dos profissionais, os jornalistas possuem um alto grau de reflexividade. A mídia é rica em discursos reflexivos, as associações profissionais, os organismos deontológicos, os órgãos sindicais, os próprios veículos de comunicação ou os observatórios de imprensa produzem análises sobre a sua própria atuação e disputam com o meio acadêmico a legitimidade para falar sobre a comunicação e o jornalismo. Além disso, nas pesquisas com jornalistas, são frequentes os casos em que eles usam o conhecimento das técnicas em entrevista para tentar ter o controle sobre como a sua fala será transmitida, chegando ao ponto de pedir para rever o material final, antes da publicação. Tal como outros profissionais, a fala dos jornalistas é simultaneamente uma produção coletiva, evidência de uma história de um grupo e uma expressão da individualidade (Broustau et al, 2012).

Legavre (1996), a partir de Gidens, faz uma distinção entre a consciência prática e a consciência discursiva do ator social. A consciência discursiva é definida pela capacidade do ator de colocar as coisas em palavras. A consciência prática, por sua vez, não é o que o ator diz sobre a sua prática, mas o que ele sabe fazer na prática. Nesse ponto, a reflexividade não estaria longe, ela é uma consciência tácita feita de uma consciência prática, estruturada pelas rotinas. Para Legavre (1996:221), a vantagem

dessa distinção é evidente ao ser aplicada ao método de entrevista, pois as perguntas podem acabar gerando um enriquecimento e um alargamento da consciência discursiva. Dito de outra maneira, através do desenvolvimento da entrevista, o entrevistado vê a sua consciência prática transformar-se consciência discursiva.

O entrevistador vai estar nessa fronteira entre as duas consciências, e suas perguntas contribuem para que as memórias práticas apareçam e sejam colocadas numa linha de ação. Quando o pesquisador faz uma intervenção, isso não significa confrontar o entrevistado. Embora a natureza desigual da entrevista não mude, intervir não significa dobrar o entrevistado. A entrevista é uma interação entre dois agentes sociais que adotam certos pontos de vista e coproduzem uma realidade e uma explicação - ou explicitação - da realidade. O pesquisador intervém oferecendo o seu ponto de vista, ou mais frequentemente propondo elementos de reflexão, que podem permitir ao entrevistado a sair de sua posição normal, e dizer algo que não diria em outras situações mais corriqueiras (Legavre, 1996).

De maneira geral, então, as entrevistas permitem recolher imagens mentais, sistemas simbólicos e retóricas de legitimação para um grupo. Em seguida, é preciso explicá-las em função das posições e atitudes de quem falou. Considerando os elementos apresentados sobre a relação social que se estabelece entre pesquisador e pesquisado, a proximidade de estatutos sociais entre acadêmicos e jornalistas e a reflexividade de quem é entrevistado, podemos afirmar que o significado é produzido em conjunto, a partir da interação que é uma entrevista. A partir desse ponto é que se pode passar a generalizações e interpretações explicativas.

Para que o conhecimento proveniente da interação entre os jornalistas e os pesquisadores seja produzido da melhor forma, é preciso haver uma grande empatia entre ambos. Em termos práticos, essa empatia se exprime numa atitude do pesquisador em abstrair os seus valores e representações, evitando os julgamentos sobre o discurso do entrevistado. Ao mesmo tempo é preciso entender bem a subjetividade do entrevistado, sendo necessário se posicionar dentro da cabeça do outro para que a sua visão de mundo seja entendida e explicada. Para isso é preciso ter um profundo conhecimento sobre a trajetória social da pessoa com quem se fala que é conseguida ao longo do percurso da entrevista (Duchesne, 1996:196).

Nesse tipo de entrevista, Duchesne (1996:199) afirma que por meio da sua atitude, suas intervenções e sua prática, o pesquisador acaba por construir uma relação

social com o entrevistado, cujo objetivo é o entendimento mais apurado das representações que o entrevistado faz sobre o tema que lhe é proposto. Através desse processo, o pesquisador contribui para que o outro explore uma situação, entendendo e fazendo as ligações entre os diversos elementos, fazendo surgir as concepções da sociedade ou do universo do qual faz parte. Cabe à pessoa que conduz a entrevista criar as condições, para que favoreça uma postura de autointerrogação em voz alta por parte de quem fala.

Para Duchesne (1996), uma entrevista aberta bem-feita pode evitar um discurso pré-construído do entrevistado, ao mesmo tempo em que diminui a violência simbólica do processo. Algumas das condições para alcançar esses propósitos e que deem vontade ao entrevistado de se interrogar são: aproximar-se do entrevistado e fazê-lo compreender que você o entende; responder aos questionamentos levantados pelo entrevistado para diminuir a distância e minimizar a violência simbólica, fazendo o sentir à vontade e com confiança.

Essa relação pode ser tão frágil e específica que o próprio comportamento e identidade do pesquisador podem influenciar no processo de pesquisa. Ao relatar suas experiências no trabalho com criadores de animais e produtores de alimentos, Cherry, Colter, e DeSoucey (2011) concluíram que as suas posições políticas, subjetividades e identidades foram determinantes para que fossem aceitos no meio em que estavam se inserindo para fazer a pesquisa. Além disso, o processo de pesquisa foi responsável por algumas mudanças nas suas próprias preferências pessoais.

Assim, a entrevista é o método de excelência para recolher as experiências de membros de grupos, para entender os significados atribuídos a uma atividade pelos agentes engajados nelas e para captar as interpretações dos indivíduos sobre o universo do qual participam. Esse método também pressupõe que o pesquisador dê grande nível de importância ao ponto de vista e aos saberes práticos (cognitivos, interpretativos, simbólicos, afetivos) dos entrevistados. Em suma, o objetivo é suscitar a produção de um discurso centrado na vida do locutor, salientando pedaços da sua existência, um panorama da sua experiência e momentos do percurso de vida (Demazière, 2012).

Conclusão

O mundo dos jornalistas já está naturalmente próximo ao acadêmico. Ambos são grupos que possuem formações universitárias parecidas e acabam por ter capitais culturais e sociais equivalentes, fazendo com que a interação entre eles seja numa direção horizontal, e não de cima para baixo. Profissionalmente, eles ainda utilizam ferramentas de coleta de dados que são semelhantes.

Essa proximidade pode ser aumentada quando os pesquisadores usam métodos etnográficos de investigação. Trabalhos de campo que utilizem a observação e a entrevista permitem um olhar mais apurado a processos microssociais, e estabelecem uma relação social entre as partes envolvidas. Nesse contrato informal que se estabelece entre o jornalista e o pesquisador, é preciso haver o entendimento entre as partes que há condições necessárias para o bom funcionamento do processo. É preciso encontrar uma posição onde o entrevistador não esteja no papel de “dar lições” ou de “fazer críticas” a uma “má prática social”.

Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer o papel de jornalistas e pesquisadores, aceitando que ambos podem falar sobre o Jornalismo. Em uma entrevista, a produção do conhecimento é feita de maneira dialética, em que cada uma das partes tem a sua função: o pesquisador vai criar uma situação em que o jornalista possa fazer uma jornada de autoexploração (sendo potencializada pelo alto grau de reflexividade da profissão), refletindo sobre a sua prática e levantando questões, que voltarão ao pesquisador para serem analisadas e interpretadas. O diálogo entre ambos será mutuamente benéfico se, por um lado, o acadêmico se dirigir ao mundo dos jornalistas, aceitando que a sua consciência prática pode ser transformada em consciência discursiva, e, por outro lado, os jornalistas poderão reconhecer que essa jornada poderá enriquecer e transformar a sua prática.

Referências Bibliográficas

- Alasuutari, P. (1998) *An invitation to social research*. Londres: Sage.
- Alasuutari, P. (1995) *Researching Culture: qualitative methods and cultural studies*. Londres: Sage.
- Bastin, G. (2012) Le “cas Mathieu” ou l’entretien renversé, *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, Vol 1, n°1 disponível em <http://surlejournalisme.com/rev>.
- Beaud, S. (1996) L’usage de l’entretien en sciences sociales. Plaidoyer pour l’«entretien ethnographique». *Politix*. Vol. 9, N°35. pp. 226-257.
- Beaud, S., Weber, F. (2010) *Guide de l’enquête de terrain*. Paris: La Découverte.
- Boyer, D., Hannerz, U. (2006). Introduction: Worlds of journalism. *Ethnography*, 7(5), 5–17.
- Broustau, N., Jeanne-Perrier, V., Le Cam, F., Pereira, F.H. (2012) A entrevista de pesquisa com jornalistas, *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, Vol 1, n°1 - 2012, disponível em <http://surlejournalisme.com/rev>.
- Cherry, E., Colter, E., DeSoucey, M. (2011) Food for Thought, Thought for Food: Consumption, Identity, and Ethnography. *Journal of Contemporary Ethnography*, vol. 40(2), pp. 231-258.
- Cottle, S. (2007) Ethnography and News Production: New(s) Developments in the Field. *Sociology Compass*, vol. 1, pp.1-16.
- Demazière, D. (2012) L’entretien de recherche et ses conditions de réalisation. Variété des sujets enquêtés et des objets de l’enquête, *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, Vol 1, n°1 disponível em <http://surlejournalisme.com/rev>.
- Dickinson, R. (2007) Accomplishing Journalism: Towards a Revived Sociology of a Media Occupation. *Cultural Sociology*, vol. 1(2), pp.189-208.
- Dickinson, R., Matthews, J. & Saltziz, K. (2013) Studying journalists in changing times: Understanding news work as socially situated practice. *International Communication Gazette*, vol.75(1), pp.3-18.
- Duchesne, S. (1996) Entretien non-préstructuré, stratégie de recherche et étude des représentations. Peut-on déjà faire l’économie de l’entretien «non-directif» en sociologie? *Politix*. Vol. 9, N°35. pp. 189-206.
- Kaufmann, J-C. (2013) *L’entretien compréhensif*. Paris: Armand Colin.
- Lahire, B. (2012) Chercheurs en collectif, entretiens en commun. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, Vol 1, n°1 - 2012, disponível em <http://surlejournalisme.com/rev>.
- Legavre J.-B., (1996), La “neutralité” dans l’entretien de recherche. Retour personnel sur une évidence, *Politix*, vol. 9, n° 35, pp. 207-225.
- Plesner, U. (2011) Studying Sideways: Displacing the Problem of Power in Research Interviews With Sociologists and Journalists. *Qualitative Inquiry*, vol 17(6), pp. 471-482.

Poupart, J. (2012) L'entretien de type qualitatif : Réflexions de Jean Poupart sur cette méthode. À partir des propos recueillis et rassemblés par Nadège Broustau et Florence Le Cam, *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, Vol 1, nº1 disponível em <http://surlejournalisme.com/rev>.

Travancas, I. (2006) Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In Barros, A. e Duarte, J. (orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, pp. 98-109.

Traquina, N. (2001) O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Editora Unisinos.